

## O ser humano em desenvolvimento através dos vínculos sociais no contexto de uma vila popular

**DELCIO ANTÔNIO AGLIARDI**

Professor, Especialista em Projetos Sociais, Dirigente de ONG,  
Especialista em Direito Comunitário: Infância e Juventude e assessor de  
projetos e relações institucionais da Fundação de Assistência Social - FAS,  
órgão da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul/RS.

*Sumário:* Introdução; Metodologia - O Método Etnográfico; Notas sobre a coleta de dados; Apresentação dos resultados - A vila popular; As transformações geopolíticas; Identidade e pertença; Os vínculos de sangue; Relação pai e mãe; Relação avós e bisavós; Escolaridade; Cuidados com a saúde; Gênero: espaço simbólico entre homens e mulheres; O viver juntos: a solidariedade; Vínculos de amizade; Brincadeira de criança; Violência: absurdo humano; Conflito e fofoca; Sujeitos da história; As políticas públicas; Discussão dos resultados; O poder estatal que chega à Vila; O encontro das gerações; A Casa da Criança e do Adolescente; Considerações finais; Bibliografia.

### INTRODUÇÃO

Estudar e compreender o tema *desenvolvimento humano* é muito mais do que um desafio para os pesquisadores. É, talvez, uma ousadia. Considero esse assunto relevante e atual, talvez central para todos os indivíduos que se empenham no trabalho de educação. Aliás, como educador, e tendo dedicado a maior parte da minha vida à educação de crianças e adolescentes, fiquei entusiasmado pela possibilidade de aprofundar este tema.

Desenvolvimento é ato ou efeito de desenvolver-se, desenvolvimento (desenvolver + ação), adiantamento, crescimento, aumento, progresso (Novo Aurélio Século XXI). Portanto, desenvolvimento humano é o episódio que transforma quotidianamente o homem.

Segundo Rossetti-Ferreira, “o desenvolvimento humano é um processo que se dá, do nascimento à morte, dentro de ambientes culturalmente

organizados e socialmente regulados, através de interações estabelecidas com parceiros, nas quais cada pessoa (adulto ou criança) desempenha um papel ativo” (2000, p. 5). Nesse trabalho, as professoras do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil da USP expressam a concepção sobre desenvolvimento humano com o “Ditado Xhosa” – língua materna de Nelson Mandela: *ubuntu ungamntu nganye abantu*, ou seja, *pessoas são pessoas através de outras pessoas*. Esse processo é constituído de elementos culturais, econômicos, políticos e ideológicos que propiciam e delimitam interações, papéis e significados, os quais organizam e canalizam o desenvolvimento.

O processo de desenvolvimento humano encontra-se intimamente relacionado à articulação organismo – ambiente, o qual tem fundamentalmente duas funções: a de ambiente, contexto ou campo de aplicação de condutas; e a de condição, recurso, instrumento de desenvolvimento. Além disto, o desenvolvimento se dá na dependência do outro ser humano (bisavós, avós, pais, irmãos, educadores sociais). Para a criança o outro é o intérprete do mundo para ela e dela para o mundo. É apenas na interação com o outro que o desenvolvimento humano é possível (Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, 2000, p. 18).

Aqui, a visão do desenvolvimento da criança está implicada com a visão do desenvolvimento da psicologia, da história e suas variações com o ambiente e a família. Com efeito, a relação inicial da criança se dá na família biológica ou, excepcionalmente, em família substituta. A base do desenvolvimento se dá na interação com as outras pessoas e com o seu contexto social. Trabalhos recentes sobre o desenvolvimento social e afetivo da criança, em particular da primeira infância, ocupam lugar de destaque no plano da psicologia.

Teórico francês da psicologia, Wallon, na primeira metade do século passado, dedicou importantes estudos sobre o desenvolvimento social e afetivo da criança. Para Wallon, *a fatalidade não existe*: “A constituição biológica, ao nascer, não será a única lei do destino ulterior da criança. Seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais, sem que a escolha pessoal esteja ausente” (Werebe e Nadel-Brulfert, 1999, p. 81).

Logo, poderíamos dizer que o mundo é para a criança um laboratório; o desenvolvimento acontece no ritmo e na frequência das trocas com as outras pessoas, episódio que as transforma quotidianamente.

A criança, a partir de sua interação com as outras pessoas, vai construindo o seu desenvolvimento. Vygotsky atribui enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano. Uma das mais significativas contribuições das teses que formulou está na tentativa de explicitar (e não apenas pressupor) como o processo de desenvolvimento é socialmente constituído (Rego, 1995). Todas as funções do desenvolvimento da

criança aparecem duas vezes ou em dois planos. Primeiro aparece no plano social e depois no plano psicológico; primeiro entre pessoas (interpsicológico) e depois no interior da criança (intrapicológico) (Vygotsky, 1984).

Compreender o indivíduo na sua personalidade construída, única e irrepetível, através da sociedade e da cultura, são respostas apresentadas por Vygotsky frente a tantas perguntas sobre o desenvolvimento humano. Vygotsky perseguiu essas questões às últimas conseqüências, influenciando seus alunos a considerarem o ser humano como um sujeito de vida e ao mesmo tempo como um processo social.

A concepção de desenvolvimento humano é, em suma, em Vygotsky, uma teoria de educação. Vygotsky entende por educação não só o desenvolvimento do potencial do indivíduo, mas a expressão histórica e o crescimento da cultura humana a partir da qual o homem emerge.

Para essa cultura acontecer, é necessário muito tempo (mais do que qualquer outro animal), espaço de tempo para adquirir modos de ver e interpretar as pessoas, a si próprio e ao mundo, de agir e interagir.

Para Morin, “é a cultura e a sociedade que garante a realização dos indivíduos, e são as interações entre indivíduos que permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade. Todo o desenvolvimento humano significa o desenvolvimento do conjunto de autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (2000, p. 55).

Outra questão surge nesse cenário teórico: qual a fase privilegiada para o estabelecimento de vínculos? Parti do pressuposto empírico de que a melhor fase para a vinculação é a primeira infância, porém, sem excluir a possibilidade de que continuamos a estabelecer vínculos por toda a vida.

Segundo Rossetti-Ferreira, “ao longo da vida, certas fases são particularmente suscetíveis para a vinculação: a infância, a adolescência, a gravidez e o pós-parto. Há diversas indicações de que a criança é particularmente suscetível de estabelecer vínculos fortes com uma figura de apego nos dois primeiros anos de vida. Que durante toda a vida continuaremos suscetíveis a novos vínculos (novos amigos, novos amores e em caso de crise ou insegurança<sup>1</sup>)” (2000). Embora, adverte Rosseti-Ferreira, não tão intensos como os da infância e da adolescência.

## METODOLOGIA – O MÉTODO ETNOGRÁFICO

A perspectiva metodológica a ser apresentada aqui é o resultado de uma investigação etnográfica que foi desenvolvida ao longo de dois meses, por meio de contatos diários com as pessoas entrevistadas.

<sup>1</sup> Vínculos tão fortes, talvez, como os da primeira infância.

Realizei visitas *in loco* a 20 famílias, a uma instituição de atendimento, a uma escola pública de ensino fundamental e a logradouros públicos – quadra de terra, terrenos baldios da comunidade escolhida. Na fase da coleta de dados, trabalhei como um etnógrafo, buscando descrever no diário de campo o que acontecia à minha volta, especificando, em cada episódio constatado, *quais* os atores envolvidos, *o que* acontecia, *como acontecia*, o *espaço* geográfico, *nuances* e *questões* que o interlocutor tentava ocultar, *quando* ocorreu, levando-se em conta o objeto de estudo e questionamentos específicos, que permitiram a construção da fundamentação empírica desse estudo. Não se trata de um esquema rígido de procedimentos, mas um trabalho de campo aberto.

A coleta de dados do estudo foi feita utilizando-se um número limitado de procedimentos: 1) *encontros* “in loco” com um grupo de 20 famílias vivendo em condições socio-econômicas desfavoráveis, moradoras da Vila Paim, município de São Leopoldo/RS, região metropolitana de Porto Alegre, e, também, junto a um grupo operativo de adolescentes (na faixa de 12 a 15 anos de idade); 2) *visitação* aos equipamentos sociais/educacionais<sup>2</sup> da Vila Paim; 3) *observação* continuada com as famílias que se revelaram mais interessantes do ponto de vista do estudo.

Como resultado, obtive uma base bastante ampla de dados, transcritos no diário de campo logo após utilização de qualquer um dos procedimentos acima.

Anotei no diário de campo as impressões e os olhares da seqüência de contatos com as pessoas da Vila Paim (bisavós, avós, pais, crianças e adolescentes, educadores e líderes de igrejas). Não hesitei em registrar os fenômenos mais significativos que vi durante o período da realização da pesquisa. As categorias abaixo estão na ordem de importâncias atribuídas pelo autor deste trabalho.

## NOTAS SOBRE A COLETA DE DADOS

Alerto para o fato de que os nomes das pessoas citadas neste estudo foram trocados com o objetivo de preservar suas identidades, pois ele destina-se a uma reflexão crítica, tem como centro a história pessoal e comunitária de cada pessoa (suas alegrias, dores, gostos e desgostos, esperanças e desesperanças), evitando, assim, discursos sobre a identidade individual de cada entrevistado.

Por envolver um grupo pequeno de informantes e por insistir na importância do contato pessoal do pesquisador com seu “objeto”, o método etnográfico propiciou, em síntese, o estudo da subjetividade.

<sup>2</sup> Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto Paulo Beck, Casa da Criança e do Adolescente, Campo de Futebol, Associação de Moradores.

## APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS – A VILA POPULAR

De acordo com Soethe, “A Vila Paim surgiu por acaso, não houve um agrupamento humano para, a partir de uma escolha consciente dos seus membros, constituir uma comunidade. A Paim, hoje, é uma mescla de vila popular e favela. A formação da Vila Paim data da década de cinquenta. Os terrenos da Vila Paim eram de propriedade do Cel. Fermino Paim, que, com o êxodo rural, concordou que algumas famílias pudessem provisoriamente ocupar este local. Este terreno situa-se entre um riacho, que hoje se transformou em esgoto da cidade e os banhados do Rio dos Sinos. São três compridas ruas que iniciam próximas à BR 116 e vão até o banhado” (1995, p. 8). Não são encontrados dados estatísticos sobre a população da Vila Paim. Contudo, os moradores estimam que a população seja de aproximadamente 3.500 habitantes. Os equipamentos sociais/educacionais encontrados na Paim são escassos: uma escola de ensino fundamental incompleto, a Casa da Criança e do Adolescente – uma entidade filantrópica que atende crianças e adolescentes no turno contrário ao da escola –, um minúsculo campo de futebol (localizado sob a rede de transmissão de energia elétrica de alta tensão), um posto de saúde. Esse fato faz com que as crianças e adolescentes, inclusive as suas famílias, tenham que circular diariamente para outras localidades de São Leopoldo e região em busca de educação, alimentação, lazer, saúde, profissionalização, etc.

As famílias da Vila Paim são procedentes do interior dos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná. A maioria é natural da região de Frederico Westphalen, vindo para cá em meados dos anos 70. O sonho de conseguir emprego na indústria do calçado, alimentado com o desejo de melhorar a qualidade de vida, fez essas pessoas abandonarem a zona rural.

O ambiente social da Vila Paim é, evidentemente, de pobreza. As casas que abrigam as famílias são precárias e de reduzido tamanho, geralmente mistas (alvenaria e madeira), de poucas condições de habitabilidade. Construídas sob terrenos pequenos, servem de base de apoio para a construção de outras peças. Na medida em que a família vai aumentando, são criados pequenos anexos, ocupando assim todo o espaço físico do terreno. Todavia, a organização do ambiente doméstico é variada. Vêm-se pessoas organizadas e desorganizadas. Pessoas que moram em um único cômodo, mas têm as coisas organizadas e outras que possuem mais espaço físico, porém deixam os objetos literalmente jogados ao chão. A sujeira e desorganização prevalecem.

É grande a escassez de recursos ou bens materiais indispensáveis para a satisfação das necessidades básicas e da convivência familiar. Por exemplo, numa das famílias encontro quatro pessoas que dispõem de duas cadei-

ras, duas xícaras e dois pratos, uma única panela para preparar os alimentos, ausência de móveis e de objetos.

O discurso da informante reforça o que pude observar: “É a vida de miserável que eu levo. Eu tenho muito pouco! Quando chove a gente não sabe para onde ir. Falta quase tudo aqui em casa. Não sei como é que consegui chegar até aqui sem a ajuda do meu ex-marido”.

Essas famílias tornam-se eco da estrutura social e reproduzem as relações sociais permeadas de desigualdades, injustiças e individualismo.

Não existe, nas residências, local determinado e adequado para a realização das tarefas escolares das crianças. Parece que eles se escondem em meio à ausência de espaço e condições para fazê-los. A mesma mesa é usada para a realização dos trabalhos escolares, para a preparação dos alimentos, para o culto da igreja e o encontro das pessoas. É comum ver crianças fazendo os trabalhos escolares e temas em pé, escoradas no móvel mais próximo do corpo.

Se a casa é um lugar limitado para viver e conviver, a rua se apresenta como um lugar sem divisórias. É uma espécie de rua do lazer! Nela dá para correr, brincar, andar de bicicleta, jogar, encontrar os vizinhos. Dá a impressão de que ela aumenta o espaço físico da casa. Nos finais de semana e feriados aumenta a circulação de pessoas nas ruas e acumuladas na frente das biroskas. Assim poderíamos resumir as atividades de finais de semana: os homens freqüentam os bares, as mulheres ficam em casa, e os filhos, na rua. A rua, portanto, não é apenas um lugar de circulação, mas se constitui num espaço possível, lugar de encontros, de liberdade. Noutras situações, é corredor de escape das ameaças e agressões impostas pela família.

Com a modernização da sociedade brasileira, intensificam-se os movimentos migratórios e a concentração de populações em torno das grandes cidades lutando por emprego, educação, habitação, saúde. O que caracteriza essa nova realidade é o empobrecimento dos laços afetivos, provocando a destruição dos laços sociais.

## AS TRANSFORMAÇÕES GEOPOLÍTICAS

Num mundo em movimento, onde os códigos se mesclam e se anulam, pessoas tentam viver a esperança em meio ao caos. Os caminhos encontrados pelos indivíduos e pelas massas em busca de sobrevivência e fuga, sobretudo pelo autoritarismo imposto pela propriedade, não passam de ilusões.

As opções políticas no contexto globalizado operam profundas e graves transformações geopolíticas, que expulsam e condenam pessoas dentro e fora do seu país ou da própria “aldeia” de origem.

Os moradores da Vila Paim, lá “deixados” pela estrutura do poder, sofrem para se reconhecerem e gerarem contrapoderes para a sobrevivência. João, de aproximadamente 70 anos de idade, ficou esperando longos anos para ver o terreno legalizado, onde está construído um pequeno casebre: “Não dormia direito só em pensar na possibilidade de ser mandado embora daqui pela prefeitura. Para onde eu iria com a minha família?”, conclui.

Depoimentos como esse são comuns entre essa população. Evidencia-se a insegurança de estar e permanecer onde a falta de opção os deixou. O estar juntos, nesse contexto social, é um supérfluo necessário.

## IDENTIDADE E PERTENÇA

Tomando a narrativa de uma destas pessoas, que mora a aproximadamente 200 metros da Casa da Criança, percebi negação quanto à identidade e pertença à Vila Paim. Discursos como este tentam expressar a negação do valor de ser reconhecido como morador desse local: *eu moro em outro lugar, a minha casa fica longe deste lugar*.

Numa primeira análise, concluí que as crianças e os adolescentes reagiam de forma diferente sobre esse quesito. De imediato, não percebi nenhum movimento em contrário, porém, com o passar das narrativas, fui percebendo que falar e assumir que mora na Vila Paim não era tarefa assim tão espontânea, geralmente precedida de disfarce: “Se a gente conseguir evitar de falar aonde moramos, é melhor. Não importa aonde eu moro e o que faço, sou gente boa”.

## OS VÍNCULOS DE SANGUE

O modelo familiar dessa população que se apresenta ao olhar do pesquisador é nitidamente diferente do modelo das outras classes sociais. Uniões consensuais prevalecem entre os casais, frequência de mães sozinhas e com filhos, instabilidade nos relacionamentos e troca de parceiros, circulação de crianças e avós responsáveis pelo sustento, educação e criação de netos. Se, de um lado, o comportamento do homem é tido como irresponsável quanto ao poder familiar, do outro, encontramos avós que buscam incansavelmente estratégias de sobrevivência, como, por exemplo, buscar leite em pó na igreja, em organizações não-governamentais, roupas na feira, ajuda financeira de familiares, trabalhos sazonais etc., que configuram entre os meios de subsistência familiar. Em que pese o conflito e a intranquilidade gerada nesse processo, há indícios de que é exatamente aí, em tese, o começo da criação e do fortalecimento dos vínculos sociais. A avó exerce, por assim dizer, um papel central nas redes de ajuda, talvez apenas em decorrência dos vínculos de sangue.

Os vínculos de sangue se prolongam de gerações para gerações num universo expressivo das 20 famílias estudadas, pessoas essas que dividem a mesma casa, a saber:

Natureza do vínculo	Frequência de casos	%
Bisavó/avó(ô)/neto(a)/bisneto(a)	8	40
Avó/filho(a)/neto(a)	6	30
Mãe/filho(a)	5	25
Adolescente	1	5

Para Ariès, “a idéia essencial dos historiadores do direito e da sociedade é que os laços de sangue não constituíam um único grupo, e sim dois, distintos embora concêntricos: a família, que pode ser comparada à nossa família conjugal moderna, e a linhagem, que estendia sua solidariedade a todos os descendentes de um mesmo ancestral” (1981, p. 41).

A família nem sempre é o porto seguro para a criança. Desenvolvendo um grupo operativo, descobri que uma das crianças tentava esconder o pânico de voltar para casa após o término da atividade da Casa da Criança e Adolescente. O medo, causado pelo retorno ao ambiente familiar, expressa a atitude da criança que tenta se esconder debaixo de uma mesa: “Ele não quer ir embora daqui quando termina a jornada de atividades. É o medo de voltar para a casa dos parentes. A Casa da Criança é um porto seguro para ele, talvez o único lugar de proteção e acolhida. É a dura experiência de ser criança e não ter infância”.

Nesse relato de uma educadora social, a negação da infância soa como uma frustração pessoal, como se um pedaço da vida da entrevistada tivesse sido arrancada.

## RELAÇÃO PAI E MÃE

Conscientemente, perguntamos sobre a importância do pai e da mãe na família. A quem vocês, crianças e adolescentes, recorrem nos momentos difíceis? Essa pergunta foi feita para diversas pessoas e em momentos diferentes. O principal apoio, segundo eles, vem da família, quer dizer, da mãe, avós e bisavós. Raramente encontramos mães que gozam de uma relação estável com o pai dessa pessoa.

Para João, 11 anos de idade, sua família é composta pela avó, a quem chama de mãe, e pelo avô (falecido), chamado de pai. Apesar de conhecer seus pais biológicos, não os reconhece na condição de pais, membros ativos da família, capazes que contribuiriam para a sua sobrevivência e desenvolvimento. É escassa a presença masculina de apoio contínuo e sistemático. Homens cruzam os caminhos das mulheres, que nessa interação ganham



filhos e, conseqüentemente, o compromisso de cuidá-los, enquanto os homens são presença temporária.

Em menor escala, as crianças e os adolescentes contam com a ajuda de amigos, dos tios, da professora, da tia (referência à educadora que trabalha na Casa da Criança). Poucos mencionam o pai, até porque o pai é um ente quase que estranho nos compromissos decorrentes do criar, assistir e educar os filhos. Revela uma das mães entrevistadas: “sou mãe e pai ao mesmo tempo. Tenho que cuidar e proteger, conseguir alimento, agasalho e estudo, provisão para os meus cinco filhos”. Às vezes, fica-se com a impressão, nesse quesito, mesmo entrevistando famílias diferentes, que a história é a mesma, só mudam os personagens. Como marido, companheiro ou pai, os homens são descritos como ausentes, egoístas, desinteressados em relação aos filhos. Segundo Rizzini e Gomes Souza, “alguns estudos entendem que as mudanças atuais nos sistemas econômico e político vêm gerando, em várias culturas, incertezas quanto à pertinência de identidade” (2001, p. 23).

“O pai de Jones não quer saber dele! Conheceu o filho num parque quando ele tinha 5 anos de idade. Ele está mais interessado na nova companheira de que com os seus próprios filhos”, conclui uma entrevistada, falando sobre o descaso do pai frente à educação dos filhos.

## RELAÇÃO AVÓS E BISAVÓS

A minha interlocutora, de quase 70 anos de idade, tem uma relação afetiva bem construída com o menino, de 13 anos de idade: “Eu cuido dele”, referindo-se ao bisneto, “e ele cuida de mim. Quando ele casar pode ficar morando aqui em casa. Vou tratá-lo bem e cuidar também da esposa dele”. Essa história é exemplar na rede de proteção, pois tais atitudes encontram eco noutras pessoas. Os dois cômodos da construção anexa, um casebre de propriedade de uma senhora de tez escura, já foram usadas por muita gente: filhos, netos, e até por uma família que veio do interior e não tinha aonde ficar.

Quando se trata de famílias vivendo em condições desfavoráveis, como na Vila Paim, é de supor pelo senso comum que todas as pessoas vivam a competição na acepção da palavra. Porém, nem sempre há disputa pelos poucos bens materiais existentes: “Estou esperando o inventário, que está na justiça, para que cada filho ganhe um pedacinho da minha propriedade”. Se a casa é tida como um símbolo de *status* na sociedade contemporânea, neste caso ela pode ser vista como um símbolo de solidariedade. Uma casa mista (de madeira e alvenaria) localizada no ziguezague entre as três ruas de paralelepípedos descortina a esperança da moradora de ver repartido o pouco que tem.

Uma família em via de ascensão socioeconômica da Vila, composta pelos pais e duas filhas, resume o desejo das pessoas de “subirem na vida”.

A casa construída em alvenaria, mesmo localizada aos fundos de outra moradia que é de um cunhado do morador, representa um modelo mais moderno, que se diferencia das outras casas, que geralmente são de madeira (tipo chalé). O provedor do sustento da família trabalha na indústria metalúrgica, enquanto a mãe cuida da casa e das filhas. A mãe fala com alegria do sucesso escolar das filhas. Uma delas (já adolescente) fez uma prova seletiva para ingressar no ensino médio, ofertado em escola pública, porém no centro da cidade. As taxas foram pagas sem reclames, pois lá estudam as pessoas em ascensão social e, para subir na escala social, é necessário se igualar a elas. O trabalho e o estudo formal aparecem permeando o imaginário das pessoas em questão.

Na rede de solidariedade, estão casos muito singulares como, por exemplo, de um menino que feriu o pé com um pedaço de vidro quando jogava bola na rua. Ao invés de ficar em casa enquanto cura o ferimento, ele conta com a ajuda dos amigos para ir à escola e para a Casa da Criança no outro turno. Literalmente, é levado no colo pelos amigos até suas atividades escolares.

Como escreve Juremir Machado da Silva na apresentação da obra traduzida de Michel Maffesoli (1997): *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*, “o horror social, impulsionado pelo pragmatismo econômico, só não esmaga definitivamente as populações porque, nos subterrâneos do dia-a-dia, surgem microscópicas construções sociais capazes de reinventar o querer viver e garantir um lugar para a imaginação”.

## ESCOLARIDADE

Quando a atividade é ajudar os filhos nas tarefas e trabalhos escolares, o desafio aumenta. A entrevistada continua: “estudei até a 6ª série, de modo que não consigo ajudar meus filhos nas atividades escolares”. É bem provável que esse conflito, em tese, exista em boa parte das famílias brasileiras, agravando-se mais nas camadas populares.

Como desdobramento do ato de matricular o filho em escola regular está o dever dos pais ou responsáveis de acompanhar a frequência e aproveitamento escolar. Essas duas últimas obrigações, em que pude observar, se constituem num abismo colossal. Acontece que o prejuízo resultado da baixa escolaridade do país tem implicação direta, sobretudo no aspecto aproveitamento escolar, e repercute na qualidade da aprendizagem. Afora que, com raras exceções, o tempo de estudo, além da jornada escolar, é muito reduzido.

As exigências sociais e o sistema de garantias do direito à educação escolar da Conferência Mundial sobre Educação (Tailândia, 1990) ao Estatuto da Criança e do Adolescente empurraram uma parcela significativa

da população brasileira para a escola. Nos anos 50, apenas a metade da população brasileira estava na escola. Assim, os problemas escolares também estavam reduzidos. No início do século XXI, o acesso à escola quase se universalizou, de modo que os problemas explodiram. Afora isso, a permanência na escola e o aproveitamento não figuram como preocupações centrais. É comum encontrarmos crianças "cuidando" dos irmãos menores quando deveriam estar em sala de aula.

A observação feita na escola pública da Vila Paim revelou uma boa proposta pedagógica e prática educacional: a acolhida aos alunos, ambiente aberto ao diálogo, boa reflexão – teórica e prática – educacional, oferta de atividades extracurriculares, material escolar e pedagógico à disposição dos alunos (afinal, são alunos carentes), um espaço pedagógico-cultural e de socialização da pessoa em desenvolvimento. Alerto, no entanto, que tudo isso necessariamente não significa condições formais de sucesso escolar.

### CUIDADOS COM A SAÚDE

O acesso das pessoas aos diversos níveis de atendimento à saúde geralmente encontra muitos obstáculos. Algumas se encontram totalmente excluídas do sistema oficial de saúde, outras procuram compensar com medicina alternativa.

Às vezes, a falta de saúde pode ser uma boa justificativa para a "acomodação" e uma forma para justificar os fracassos da vida. E por isso as pessoas mantêm níveis baixos de auto-estima. Encontramos vários discursos nesse sentido. Uma das mulheres assume a doença como algo que justifica a situação (de vítima), a condição de pobre, de mãe de presidiário, uma espécie de álibi frente a tantos insucessos na vida familiar e comunitária: "Faz tempo que eu tomo remédios pros nervos". "Não consigo mais trabalhar devido à minha saúde". "Se eu pudesse, ajudaria mais a minha família nos problemas".

As exigências da modernidade consomem muita energia, fragilizam a saúde do corpo e logo as conseqüências se manifestam. É a vida que está ameaçada. Além da luta diária para sobreviver, agora precisa eliminar a doença.

Outra mulher diz: "graças a Deus fui presenteada com um evento sobre saúde corporal. Fiquei muito feliz com a palestra descontraída e bem humorada, lamento que isso não ocorre mais vezes". Até porque algumas doenças são doenças codificadas no jargão popular de "nervos" ou "dores".

Quando a família necessita de atendimento médico, odontológico ou mesmo medicamentos, recorre ao serviço público, mesmo sabendo que a marcação do atendimento é incerta, podendo demorar mais de um mês para

a consulta médica. Afora o fato de que algumas doenças não são passíveis de um prognóstico médico, pois são sintomas do próprio “abandono” social.

## GÊNERO: ESPAÇO SIMBÓLICO ENTRE HOMENS E MULHERES

Percebe-se, ou pode observar, que há uma divisão clara no espaço simbólico entre homens e mulheres. Daí as mulheres e filhos terem os seus espaços e seus códigos e os homens os seus, distintos das mulheres, é claro. No dia da atividade comunitária na Casa da Criança e Adolescente, denominada de roda de chimarrão, as mulheres, maioria absoluta do grupo, estavam felizes pela oportunidade e contato com as crianças, envolvidas pelas atividades lúdicas. Os poucos homens pareciam indiferentes ao que estava acontecendo na vida dos filhos.

Quanto se trata de avós, algumas muito jovens, diga-se de passagem, pude verificar que elas desempenham muitas atividades educacionais e de convivência, como se fossem “verdadeiras mães”.

Tentando colocar essas pessoas do sexo feminino no processo sócio-histórico-cultural que vivem, poderíamos denominá-las de mulheres, bisavós/avós/mães, vindas do interior, separadas do primeiro casamento, trabalhadoras sazonais, de escolaridade baixa e “calejadas” na luta pela sobrevivência junto aos filhos: “A gente plantava para comer, né? E era muito explorado pelo patrão da roça. Era todo mundo analfabeto, não sabia fazer contas, não sabiam ler e escrever. Ainda meu marido só atrapalhava”.

Outra característica importante da população de avós cuidadores de netos refere-se ao gênero: a maioria dos avós é do sexo feminino. Empiricamente, é possível verificar nesta situação que a mulher na terceira idade tem um papel importante na criação e educação da prole, diferentemente do pensamento tradicional de que elas apenas são uma espécie de apêndice da família.

## O VIVER JUNTOS: A SOLIDARIEDADE

Segundo Rosseti-Ferreira, “é apenas na interação com o outro que o desenvolvimento humano é possível” (2000, p. 24). A solidariedade é um valor e se manifesta de várias maneiras, sobretudo no aspecto convivência. Por exemplo, uma moradora cuida dos filhos de uma vizinha, enquanto a mãe deles realiza outras atividades fora de casa. É uma troca de favores, de cuidados que sempre funciona, pois as crianças em tenra idade não podem ficar a sós em casa, pelo menos no discurso. Os filhos da vizinha são importantes e merecedores de carinho, cuidados e atenção durante a ausência da mãe. A ajuda e a solidariedade são códigos levantados nas falas dos

informantes. “Eu preciso de meu vizinho e ele de mim”. “Eu sirvo ele e ele me serve”. “Às vezes uma ajuda de um amigo pode resolver um problema”.

Também encontramos irmãos maiores, de idades acima de 10 anos, cuidando dos irmãos menores. Ou ainda, vizinho cuidando dos filhos da vizinha. São chamados de “bons vizinhos” ou de “bons filhos” os que se incluem na rede de ajuda e proteção mútua. “Eu deixo os meus filhos com a filha da vizinha. Ela cuida como se fosse seus filhos. Se um dia ela precisar...se a gente puder, será um prazer ajudá-la”.

As dimensões de ajuda, afeto e solidariedade como padrões de interação com os outros surgiram novamente no discurso da entrevistada. É o cuidado com o outro quando ele precisar.

De acordo com Paugam, “se for feita uma comparação entre a França e Brasil, dir-se-ia, talvez, que no Brasil os vínculos de solidariedade familiar e social são mais fortes” (1999, p. 55).

Conta outra entrevistada a história de um casal, Telmo e esposa, que ajudava todo mundo. “Era só precisar de algo que eles estavam prontos a ajudar”. Diz que um certo dia recebeu em sua casa um político que não quis ajudá-la. Reagiu: “vá embora e não volte mais aqui!”.

Segundo Vygotsky “ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo”. (1984, p. 35) Imagino que exatamente nesse aspecto está a senha para afirmar empiricamente o sentido da pertença à espécie humana, cuja continuidade fica por demais ameaçada sem o cuidado e a solidariedade. O homem nasceu para o cuidado e para a solidariedade!

## VÍNCULOS DE AMIZADE

Tabaco de apelido, herói em sobrevivência. Convidado pela educadora da Casa da Criança e do Adolescente, fico conhecendo a história de vida de um menino – Marquinhos - que é espantosa. No mundo do “salve-se quem puder”, ele já não sabe mais a quantidade de pessoas que o acolheram, geralmente de forma provisória e de olho no dinheiro que consegue cuidando de carros no centro da cidade. Sua mãe, morta num atropelamento, e seu pai, também falecido, são as vagas recordações da família biológica. “Eu conheci cama de verdade, TV, jogos infantis, brincadeiras, lá na FEBEM, aos 14 anos de idade, quando fiquei internado por alguns meses”. O seu vínculo afetivo é com os amigos da rua. “Eu trabalho na rua, nela consigo dinheiro para pagar as pessoas que me acolheram, comprar roupa e comida”. O entrevistado também não esconde que usou “loló” (substância tóxica à base cola de sapateiro) para esquecer os problemas vividos na rua. É sabido que meninas e meninos de rua são seres vulneráveis aos produtos tóxicos. No drama social tentam buscar algo que os estructure, que os fixe num espaço

social e que os faça pertencer a um grupo. Por fim, o desejo de ter uma casa e “sair dessa” aparece em todos os discursos de Marquinhos, que, em meio à tragédia social, busca forças para continuar vivendo.

O interlocutor não encontrando alternativa de desenvolvimento, buscando diferentes opções, mas está apenas realizando o que é possível sob as presentes circunstâncias de sobrevivência.

A presença de pessoas significativas na história de vida dos entrevistados é citada por alguns. Acreditam que podem enfrentar melhor as dificuldades se contarem com o apoio de figuras de auxílio nos momentos difíceis da vida. De maneira genérica, a importância das figuras de apoio são representadas pelas mulheres, mães e avós, que se encontram chefes de famílias, muito embora os pais possam estar vivos e vivendo sob o mesmo teto. “Se não fosse a minha avó não sei o que seria a minha vida”. “A minha mãe é muito legal, sabe. Ela me ajuda o tempo todo”. “Quem me ajuda nas tarefas escolares é a minha avó”.

Os entrevistados acreditam que as amizades são muito importantes e aquele com que a pessoa se relaciona pode influenciar o seu futuro. Algumas amizades são escolhidas. Querem contar com o apoio de figuras significativas. “Eu deixo o meu filho ser amigo do André, pois ele só pensa coisa boa”. “Eles sempre foram amigos e isso ajuda no crescimento”. “Quando eles brincam juntos fico muito tranqüila”.

## BRINCADEIRA DE CRIANÇA

O campo de futebol (pequeno espaço de terra embaixo da rede de transmissão de energia elétrica) é o único local “organizado” para a prática do esporte. Durante a realização deste estudo de caso, a seleção brasileira está disputando a Copa do Mundo (Japão e Coréia 2002). Rumo ao pentacampeonato, o Brasil se revela: o futebol faz parte de todas as camadas sociais e o campo de futebol está presente mesmo onde as demais políticas para a infância sequer existem. Até a peça de teatro “Bailei na Curva” (tão rara para as crianças da Vila) foi cancelada devido ao jogo da seleção no sábado (dia 08 de junho). Confirma-se, em tese, que o Brasil faz sucesso no futebol exatamente porque existe um campo de futebol em cada bairro ou vila popular.

No cotidiano da vida dos moradores da Vila Paim, a prática esportiva e o lazer são limitados. Assim, o incentivo à prática esportiva variada fica prejudicado, o que significa que o crescimento e o desenvolvimento, sobretudo nos aspectos de motivação, aptidão, habilidades e destrezas, ficam represados para essa população da Vila.

Mesmo nesse contexto precário de oferta de lazer as crianças tentam brincar. A menina Luma, 9 anos, tenta brincar com pedaços de brinquedos

que estão numa caixa velha de papelão. Tenho por hipótese que a população infantil da Vila brinca de “faz de conta”, quase só com a imaginação de criança.

## VIOLÊNCIA: ABSURDO HUMANO

Na sociedade pós-moderna, o vazio político abre espaço para a escalada da violência. A transgressão e a infração são confundidas pelo imaginário social. A ruptura desse vínculo social transforma a paixão em ódio, a paz em guerra, a união em discórdia.

A violência é assunto recorrente entre os moradores da Paim. Durante a realização da pesquisa, aconteceram pelo menos três mortes na Vila ou arredores. Uma criança de três meses morreu vítima de uma bala perdida, e outras duas pessoas adultas foram assassinadas pela disputa de drogas. Dentre as diversas pessoas que foram ouvidas, estão histórias de passagens pela Febem e penitenciárias. O lugar social estigmatizante faz as pessoas viverem a cidade do lado de fora. Os discursos revelam uma espécie de *apartheid* social. *Sei que os ricos também possuem problemas nos relacionamentos e nos valores*, mas eles têm dinheiro para resolver seus problemas, concluiu uma das mulheres entrevistadas.

Nesse sentido, a violência relatada no discurso das pessoas entrevistadas nos remete para uma concepção ampliada de violência. Assassinatos, uso de armas, roubos e furtos, agressões físicas e verbais, a violência simbólica, o lugar social invadem os discursos e fazem parte do repertório diário da comunidade.

A dimensão estrutural da violência é sufocada pelos fatos cotidianos da Vila: “Você viu que crime bárbaro cometeram contra aquela criança de três meses de idade”, diz minha interlocutora. Incidentes graves como esse repercutem imediatamente na Vila, porém, de uma forma dissimulada. Suponho que seja uma forma de “proteção” contra eventuais esclarecimentos que venham a ser exigidos, na forma de interpelação ou fofoca, das pessoas ou da família acusada.

A tentativa de resolver os conflitos passa pela força, pela ação, pela coação. O diálogo não é valorizado. Geralmente considerado como “perda de tempo”, que não leva a nada ou só complica as coisas. Qualquer desavença pode ser provocadora de violência, que às vezes pode ser mortal. No conflito conjugal, a violência do homem contra a mulher é freqüente, trazendo grande sofrimento para as crianças, que se encontram inseguras e ameaçadas. A violência doméstica aparece com muita freqüência, de forma implícita ou explícita: “Tem muito pai cruel com as crianças, dá tapa, chuta, dá surra”. “De medo dos maridos as mulheres acabam mesmo é batendo nos filhos”. “É que essa gente foi criada assim: no grito”.

## CONFLITO E FOFUCA

Do mesmo modo que a violência é assunto ordinário, outra palavra, ouvida nos relatos, principalmente de mães, ganha força e importância na vida deste grupo de pessoas: a fofoca. A ela é atribuída boa parte dos conflitos entre as pessoas, quer seja da mesma família ou não. Se um filho do grupo estiver sendo indicado como usuário de drogas ou traficante, logo a fofoca é usada para definir os boatos e informações que circulam entre as pessoas. Marisete espalha a notícia de que o filho vai sair da cadeia logo na semana seguinte, pois ele não estava dirigindo o carro apreendido pela polícia com o chassi adulterado. Usa a fofoca como um instrumento de ataque aos seus vizinhos, uma arma poderosa contra a acusação imposta pelos moradores.

Outra conversa reforça a observação: Antônia, bisavó, viúva, mesmo prestigiada entre a sua prole, lasca o verbo e diz: “O meu marido morreu vítima de alcoolismo, o meu filho morreu no presídio e o neto foi assassinado em decorrência do crime vingado pelas próprias mãos de outros jovens da Vila. No entanto, a mulher do meu filho não presta, é uma fofoqueira, não cuida dos filhos. Foi ela a culpada pela internação do neto (13 anos de idade) na Febem e ainda, quando ele saiu da Febem, foi morto. Ela poderia ter evitado tudo isso”.

Falando sobre o relacionamento e atitudes de uma moça, nora da entrevistada, percebe-se que o discurso é que os outros “estragaram” a vida do filho de 20 anos de idade: “todos os homens que viveram com ela foram parar na cadeia. Um vizinho me disse: essa mulher vai colocar o teu filho atrás das grades! Não é que ele estava com a razão? Agora não vou abandoná-lo lá no presídio, até o juiz me falou que o Alex é um bom guri, que pena que ele não aproveitou o curso de torneiro mecânico no Senai e o curso de garçom”, conclui a entrevistada.

Segundo Fonseca (2000), a fofoca é um contrapeso na rede de trocas simbólicas entre homens e mulheres. A fofoca envolve o relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio. Ninguém se considera um fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança.

## SUJEITOS DA HISTÓRIA

A fala dos diversos atores envolvidos expressa, evidentemente, a relação do homem (sua história) com o ambiente. Na primeira entrevista, encontrei um senhor de 65 anos de idade, provedor do sustento de sete pessoas (mulher, filhos e netos), que assim resume o quadro de sobrevivência: “quando eu cheguei na Vila, no meu terreno (de dimensões maiores que as de hoje) se produzia de tudo: moranga, milho, feijão, abóbora, verduras, batata doce e frutas. Hoje trabalho no mutirão da prefeitura (serviço de



capina e varreção de ruas), ganho uma cesta de alimentos e R\$ 90,00 por mês. A realidade de hoje é bem diferente de anos atrás”. Todavia, a precária condição econômica não impede que a solidariedade entre o grupo consanguíneo aconteça. Aliás, é comum a partilha das “migalhas” materiais com a prole, uma verdadeira invenção de sobrevivência em meio as transformações do quadro social. De acordo com Rossetti-Ferreira, “Dependendo dos contextos específicos, das situações de desenvolvimento e dos recursos individuais, estas transformações exigem uma reorganização de ações e valores, muitas vezes conflitantes com aqueles internalizados ao longo das experiências anteriores de vida” (2000, p. 25).

A história dessas pessoas carrega, evidentemente, as marcas da modernidade. As relações simples de sociabilidade são movimentos de contração e se colocam na contramão do senso comum: a competitividade.

O desejo de ascensão social é codificado pela vontade de trabalhar e estudar. Pode observar que alguns adolescentes apostam suas expectativas no estudo, como meio para uma profissão que remunere melhor: “eu não pretendo parar de estudar. Quero ver se estudo inglês para melhorar o currículo, progredir na vida”.

## AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Certamente a escassez dos recursos materiais das famílias da Vila Paim é um grande impedimento para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. A falta de iniciativas e oportunidades para essa população denuncia a lacuna existente no tocante ao investimento de recursos públicos voltados para a elevação dos mínimos básicos. O pouco que se encontra disponível, além da escola de ensino fundamental e de uma creche municipal, resulta de esforços criados pela própria comunidade, tais como a ONG Casa da Criança e do Adolescente do Círculo Operário Leopoldense e o projeto de alimentação para os mais necessitados.

As políticas públicas não têm logrado alterar o quadro de pobreza e exclusão de parcela significativa da população brasileira, que se vê sem suporte para as coisas do coletivo: habitação, esporte e lazer, convivência comunitária, organização popular, etc.

A rede de serviços, como política pública, externamente necessária, não congrega sequer os escassos serviços, sendo que a articulação em torno de diretrizes, processos e recursos necessários inexistente, gerando a descontinuidade e não superando o caráter compensatório do atendimento. É igualmente indispensável que esta rede de serviços comunitários de apoio psicossocial e cultural às famílias se dê numa perspectiva descentralizada e aproveitando o fator complementaridade dos outros serviços de âmbito local.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com os dados que consegui coletar durante a pesquisa, foi possível fazer uma espécie de mergulho na experiência vivida pelo entrevistado. As propriedades extraídas e as dimensões das falas dos entrevistados permitem concluir, salvo melhor juízo, que vínculos sociais são vertentes vitais à sobrevivência e ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, inclusive nos grupos sociais excluídos.

Para uma construção analítica dos dados coletados é preciso, portanto, confrontar situações individuais, coletivas, difusas, cenários geográficos e institucionais e as nuances das pessoas em interação social.

É importante referir também, como sublinhou Bourdieu, “que os objetos não são objetos: eles dependem das características sociais e pessoais dos informantes” (1979, p. 19). Noutras palavras, os discursos interpretados levam em conta as percepções, as intenções, as motivações e os valores dos atores sociais.

Passo a descrever os cenários e as situações que observei:

### O PODER ESTATAL QUE CHEGA À VILA

Combinando objetivos comunitários e de desenvolvimento, o Estado deveria cumprir com a tarefa de proteger suas crianças e capacitá-las para o desenvolvimento de seu potencial, a fim de tornarem-se membros ativos de suas comunidades. Contudo, o poder estatal não logra alcançar essas metas.

No documentário “Notícias de uma Guerra Particular”, película produzida pelo cineasta João Moreira Salles, há uma passagem no mínimo curiosa protagonizada por um morador de uma favela do Rio de Janeiro. A personagem revela o castigo imposto pelo Estado aos moradores das periferias: *o único poder que sobe ao “morro” é a polícia*. Quer dizer, o “povo do morro”, que espera o poder de ter um posto de saúde, de ter oportunidades de emprego e renda, de ter lazer, esporte e cultura, etc., encontra repressão policial e omissão.

Na Vila Paim, o enredo do documentário se repete. O poder estatal não é um aliado pela sobrevivência dos jovens da Vila, não ecoa na forma de oportunidades efetivas de aprendizagem, profissionalização e remuneração para seus adolescentes. Esporte, lazer e cultura são tão importantes para a formação quanto o trabalho. Não foram instituídas medidas que apoiem as famílias em suas lutas para vencer o limiar de pobreza que ameaça o vínculo.

Segundo Craidy, “a suspensão dos laços levaram e de perspectivas levaram as crianças a uma ruptura com as instituições e a viverem a cidade do lado de fora” (1998, p. 22).

Os equipamentos de educação (uma escola de ensino fundamental e uma creche) e saúde (unidade básica de saúde) existentes na Vila e colocados à disposição da comunidade pelo poder público estão longe de atender a demanda. Portanto, é grande a inadimplência social do Estado para com essa população.

Se o Estado está socialmente inadimplente com a população da Vila Paim, a família é quase que o único refúgio para as crianças e adolescentes. Se ela falhar, a sobrevivência e o desenvolvimento ficam ameaçados.

## O ENCONTRO DAS GERAÇÕES

Bobbio refere que “a medida que nossos conhecimentos se ampliaram (e continuam a se ampliar) com velocidade vertiginosa, a compreensão de quem somos e para onde vamos tornou-se cada vez mais difícil” (1992, p. 51). De forma análoga ao pensamento de Bobbio, podemos arrematar o quanto difícil ficou ter uma compreensão sensata sobre o encontro das gerações, tão heterogêneas entre si, porém interdependentes do ponto de vista dos vínculos.

É inequívoco que a situação de bem-estar das crianças e dos adolescentes encontra-se diretamente relacionada à possibilidade de manterem um vínculo social estável, sobretudo familiar. Com efeito, a convivência familiar e comunitária é essencial ao desenvolvimento humano e faz parte do rol de direitos inalienáveis.

É na vivência e convivência familiar e comunitária que a criança vai construindo um cenário cultural que aporta para o dia-a-dia como um pilar sólido na engenharia da vida, mesmo como uma tarefa difícil e complexa, pois a dinâmica do crescimento e desenvolvimento tem nuances e contextos heterogêneos. Podemos pegar carona na própria biologia: qualquer organismo vivo, para se desenvolver, precisa de recursos e potenciais que carrega. Todavia, sem confundir crescimento com desenvolvimento. Do ponto de vista biológico, paramos de crescer lá pelos meados dos 18 anos de idade. Depois disso, poderemos manter o corpo com boa saúde, e, neste processo, criamos condições para continuarmos desenvolvendo-nos.

## A CASA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A observação etnográfica deste trabalho aponta que o espaço comunitário denominado Casa da Criança e do Adolescente da Vila Paim é um lugar pretendido pela grande maioria das mães, que o vêem como uma alternativa de educação e sociabilização, de oportunidades e encontros saudáveis. “Eu lamento pelas mães que não conseguem vaga para os filhos na Casa da Criança”, exclama uma senhora que tem filhos matriculados no

local. Com múltiplas atividades educacionais, o Programa oferece oficinas, passeios orientados, refeições, espaço para arte (pintura, música, teatro), diálogo e expressões, em síntese, as mais diversas para a criança e o adolescente poderem crescer e desenvolver-se como pessoa. É uma atitude comunitária solidária e fraterna, desejo de ir à direção do outro, reconhecê-lo, apoiá-lo.

A Casa da Criança, segundo seus profissionais, é um espaço de expressão, onde a arte é utilizada como forma de exteriorizar, de comunicar sentimentos originais e profundos que habitam em cada um de nós. Noutras palavras, é uma experiência pedagógica, onde a arte-educação constrói o que a miséria e o sofrimento destroem, onde cada pessoa pode tirar proveito das oportunidades e apoios para se tornar sujeito do seu próprio desenvolvimento e, ao mesmo tempo, integrante de uma comunidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os recursos comunitários, como, por exemplo, a Casa da Criança e Adolescente, oferecem segurança, relacionamentos afetivos, amizades e autoconfiança, oportunidades para o desenvolvimento de habilidades, atividades e serviços que contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social, criativo, cultural e emocional das crianças e adolescentes atendidos.

Estudos recentes no Brasil, em particular em bairros periféricos, bem comprovam a importância e relevância desses recursos comunitários. Segundo Rizzini (2001), em muitos bairros pobres do Rio de Janeiro há inúmeros recursos comunitários e familiares de grande valia – o que chamamos de “bases de apoio familiares e comunitárias”. Elas incluem:

- fontes informais de apoio, em particular a família e redes de parentes e amigos;
- fontes formais de apoio, incluindo creches, iniciativas complementares ao período escolar, oportunidades de recreação e programas para adolescentes.

Enfim, as iniciativas comunitárias existentes significam objetivamente um “oásis” no deserto das políticas públicas. Daí a importância para o desenvolvimento das autonomias individuais do cidadão. De acordo com Morin, “Todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentido de pertencer à espécie humana” (2000, p. 55 ).

O presente trabalho permite dizer, em tese, e parafraseando Paugam, que “os vínculos sociais estão afrouxados, pela dinâmica da sociedade e pela exclusão social” (1999, p. 50). Todavia a convivência familiar e comunitária continua a gerar uma quantidade de vinculação às crianças e adolescentes. Mesmo as graves e profundas transformações sociais não conseguiram abalar por inteiro os vínculos sociais.

## BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Livros Técnicos e Científicos. Rio de Janeiro, 1981.
- BOBBIO, N. *A Era dos Direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BOURDIEU, P. *Razões Práticas. Espaço Social e Espaço Simbólico* (p. 13 e ss.). Conferência proferida. *Universidade de Today*, 1979.
- CRAIDY, C. M. *Meninos de rua e analfabetismo*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- FONSECA, C. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.
- MAFFESOLI, M. *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. Traduzido por J. M. S. Tradução de *La Transfiguration du Politique*, 1985. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- RIZZINI, I., SOUZA, S. M. G. (coord). *Desenhos de Família: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C. *A Primeira Relação Afetiva*. FFCLRP/USP: São Paulo: FFCLRP; Ribeirão Preto: USP, 1984.
- ; AMORIM, K. de S.; SILVA, A. P. “Uma perspectiva teórico-metodológica através da rede de significações”. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica* 2, 2000, 'p. 281-294.
- . *O Ser Humano em Construção Através de uma Rede Dinâmica de Significações*. São Paulo: USP, 2000.
- SOETHE, J. R. “Mutações Culturais no Processo de Exclusão Social. Série Movimentos Sociais e Cultura”. *Cadernos CEDOPE/UNISINOS*, ano 7, n.º 12, 1995, 14 p.
- VÉRAS, E. M. P. B. *Por uma sociologia da exclusão social: o debate com Serge Paugam*. São Paulo: EDUC, 1999.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: USP, 1984.
- WEREBE, M. J. G.; NADEL-BRULFERT, J. *Henri Wallon*. São Paulo: Ática, 1986.